

**TRÊS
AMIGAS,
NO RITMO
DO BLUES**

EDWARD KELSEY MOORE

**TRADUÇÃO DE
ANA DEIRÓ**

Rocco

CAPÍTULO 1

Era uma canção de amor. Ou pelo menos começou assim. A letra contava a história de um romance entre um homem e a mulher que tinha tornado a vida dele digna de ser vivida. Sendo uma canção de blues, também falava sobre como aquela mulher, repetidas vezes, tinha partido o coração do homem e depois retribuído seu temperamento rápido ao perdoar, trazendo-lhe um mundo de sofrimentos. A melodia era bonita. Elevava-se nas alturas e mergulhava nas profundezas, cada verso entoando felicidade extasiante e sofrimento de retorcer as entranhas. Ali, numa igreja, aquela música não poderia estar mais distante de seu hábitat natural. Mas a beleza lamentosa da canção ecoava da parede dos fundos até o batistério e do piso de mármore até o teto abobadado e se encaixava neles como se seu grito desesperado sempre tivesse vivido ali.

À medida que a canção continuava e se tornava cada vez mais triste a cada verso, pensei em meus pais, Dora e Wilbur Jackson. Os blues eram a música de mamãe e papai. Quase todo fim de semana de minha infância, meus pais tinham passado suas noites no sofá de nossa antiga casa, ouvindo velhos discos arranhados de antigas canções de blues no aparelho de som.

Talvez uma daquelas tivesse uma melodia tão triste como a que ecoava pela igreja, mas não consegui me lembrar de ter ouvido nenhuma que chegasse aos pés daquela em puro sofrimento.

Mamãe preferia que seus blues tivessem um estilo mais alegre e mais malandro — canções maliciosas e carregadas de brincadeiras grosseiras sobre cachorros-quentes, roscas com geleia e Cadillacs cor-de-rosa. As baladas tristonhas como aquela eram as favoritas de papai. Nunca o vi mais feliz do que quando estava abraçado com mamãe no sofá da sala, acompanhando baixinho uma ode à agonia. Ele balançava a cabeça no ritmo da música, como se estivesse oferecendo consolo a um cantor muito triste que estivesse sentado bem ao seu lado, lamuriando-se de seu destino infeliz.

Por vezes, antes de me mandarem para a cama, meus pais permitiam que eu me sentasse entre eles. Agora, ambos já morreram há muitos anos, mas suas cantorias mal cantadas ainda permanecem em minha memória. E, como herdei suas vozes desafinadas, recordo a mim mesma de meus pais toda vez que me meto a cantar alguma infeliz melodia. Sempre que ouço um blues melancólico, sinto a aspereza das pontas dos dedos de meu pai, calejadas por anos de trabalho de carpintaria, deslizando sobre meu braço, como se ele estivesse tocando um *riff* inspirado nas cordas imaginárias que se estendiam de meu cotovelo ao meu pulso.

Eu era mandada para a cama quando mamãe se cansava da tristeza de tudo aquilo e queria ouvir um disco de rock, sobre deitar e rolar e coisas de amor que eram para adultos e não para meus ouvidos de criança.

Apesar de a canção que trovejava pelo santuário ser um tanto triste demais para o gosto de mamãe, ela teria adorado a voz do cantor e o sobe e desce de montanha-russa da melodia. E mamãe não teria deixado aquela canção passar despercebida. Se ela estivesse na igreja comigo, teria se virado para mim e dito:

— Odette, seu pai teria adorado esta canção. Cada palavra da letra faz você ter vontade de morrer. Tenho que escrever isso no meu livro.

O “livro” de minha mãe era um calendário da Agência Funerária Stewart que ela mantinha dobrado em sua bolsinha porta-moedas. A capa do calendário mostrava uma fotografia de um potro malhado cinza e branco com um menino de macacão azul. Eles estavam em um prado, ambos pulando alto do chão com uma expressão de êxtase absoluto. Acima da fotografia, estavam os dizeres “Salte para a Alegria”, e abaixo, “Aqui vão os votos de bons pensamentos para você e os seus da Funerária Stewart”. Sempre que mamãe encontrava alguma coisa que sentia ser notável o suficiente para merecer uma celebração, ela escrevia uma anotação na data daquele dia de modo que nunca a esquecesse.

O livro de mamãe apareceu pela primeira vez numa tarde de domingo, cerca de dez anos antes de sua morte. Tínhamos acabado de sair de nossa igreja, a Holy Family Baptist, e o reverendo Brown estava parado ao pé da escadaria da frente, despedindo-se de seu rebanho. Mamãe foi andando até ele e disse:

— Reverendo, o senhor é o melhor pregador que ouvi em minha vida e estive pensando sobre o seu sermão da Páscoa

durante toda a primavera. Foi verdadeiramente uma maravilha, realmente me abriu os olhos. Quero que o senhor saiba que pode considerar esta alma aqui cem por cento salva.

O reverendo Brown, que era mais de trinta centímetros mais alto que mamãe, inclinou-se e tomou sua mão.

— É muito gentil de sua parte dizer isso, Dora — disse ele. — Estou apenas fazendo o que posso pelo Reino.

— Estou falando sério — respondeu mamãe. — O senhor venceu esta batalha pelo Senhor. E eu queria ter certeza de lhe agradecer, porque não vou voltar aqui.

O reverendo ficou segurando a mão de mamãe e esperou que ela contasse a moral da história, do que ele presumia ser mais uma das estranhas brincadeiras que ela era conhecida por fazer. Mas mamãe não estava brincando. Ela explicou:

— O senhor se lembra de como pregou que, se realmente quiséssemos estar mais próximos de Deus, deveríamos olhar para o mundo à nossa volta e escrever um pequeno agradecimento a Ele por todas as coisas que Ele nos tinha dado? Bem, levei a sério suas palavras e tenho feito isso desde então.

Mamãe abriu sua bolsinha e tirou dela o calendário de parede enrolado. Então virou três páginas para trás até a Páscoa e mostrou ao pastor que havia escrito “Melhor Sermão da Minha Vida” no quadradinho relativo àquela data. Depois mostrou-lhe como havia escrito breves anotações em cada dia do calendário desde então.

— Reverendo, o senhor realmente pregou bem demais esta manhã. Mas, justamente como o senhor disse, não foi nada se comparado com a maneira como me sinto quando

estou sentada sozinha, agradecendo diretamente a Deus. De modo que vou seguir seu conselho e deixar de lado o intermediário. — Ela balançou o calendário no ar. — De hoje em diante, irei direto à fonte.

Ela puxou uma caneta do bolso e escreveu uma entrada na data daquele dia, dizendo: “Segundo melhor sermão da minha vida.” Então deu umas palmadinhas na face do reverendo Brown e se retirou da Holy Family Baptist para sempre.

A Funerária Stewart oferecia um novo calendário a cada ano. Mas, uma vez que o Sr. Stewart era notoriamente pão-duro, ele reutilizava a mesma capa. Mamãe recebia um novo “Salte para a Alegria” todo mês de janeiro.

Seu hábito de puxar aquele calendário, escrever nele e recitar suas observações para qualquer um que estivesse por perto era apenas mais um dos comportamentos esquisitos que mamãe gostava de exibir em público. Eu ficava incomodada com os olhares adicionais e cochichos que seguiam sua última excentricidade, mas mamãe era imune a constrangimentos. Ela me disse:

— As pessoas podem rir de mim tanto quanto quiserem. Mas quando o blues vier procurar por mim, vou acenar com meu livrinho para ele e dizer que trate de ir embora, porque sei como saltar para a alegria.

Mamãe escreveu em seu livro até sua última manhã nesta terra.

Enquanto o santuário reverberava com o terceiro verso uivante do lamento do cantor daquele espantoso blues, imaginei mamãe sentada no banco ao meu lado escrevendo: “O blues mais blues de toda a Criação.”

Com mamãe em meus pensamentos, me inclinei para meu marido, James, e comentei minha avaliação da música que enchia a Igreja Calvary Baptist.

— Esta é a canção mais triste que já ouvi na minha vida.

— Seu pai a teria adorado — James disse.

O cantor, sentado num canto escuro, debruçado sobre sua guitarra, cantando melancolicamente e rugindo sobre amar e perdoar aquela mulher cruel, tinha cerca de setenta anos. Era alto, magro e tinha uma barba branca que parecia lhe engolir o rosto, do nariz ao pescoço. James estava certo, papai teria adorado o modo como o blues man dobrava as notas da música de uma maneira tão desolada que você sabia que o amor lhe trouxera infortúnios e que haveria mais tristezas a caminho nos dias por vir.

— O blues é aquilo em que uma canção de amor se transforma, depois que o cantor tomou uma surra da vida que lhe arrancou todos os dentes — disse papai certa ocasião. Que tipo de surra teria a vida dado naquele homem barbado que olhava fixamente para o chão e enchia o saguão com um sofrimento de tamanha beleza? Como teria ele acabado ali, debruçado sobre sua guitarra, soltando um grito dilacerante para que o mundo inteiro ouvisse? Cada verso daquela canção me recordava a definição de papai de blues. Não havia jeito de aquele homem ter na boca um único dente que não tivesse sido quebrado.

Cheia de amor, perda, paixão e amargura, a canção se tornava ainda mais pungente pela ocasião, acompanhando uma noiva radiante, enquanto ela avançava em sua procissão

solene pela nave central em direção ao noivo. Ela se movia em direção ao altar com uma leveza e uma graça que eram bastante impressionantes, considerando o caráter da música e o fato de que ela recentemente havia comemorado seu octogésimo segundo aniversário.

A noiva, Beatrice Jordan, era a mãe de Clarice, minha melhor amiga. Srta. Beatrice era um membro importante da Calvary Baptist, a igreja mais sisuda de Plainview, Indiana. Era uma boa cristã cuja maior fonte de orgulho era ser melhor cristã do que qualquer outra pessoa.

Eu adorava Srta. Beatrice, mas ela era tão extravagante e arrogantemente devotada ao Senhor, certificando-se de que todo mundo também o fosse, que estar perto dela por muito tempo tinha a tendência de destruir minha determinação de respeitar os Dez Mandamentos. Com o correr dos anos, ela havia me induzido a chamar o nome de Deus em vão mais vezes do que gosto de me lembrar. E Srta. Beatrice tinha levado todo mundo que eu conhecia a pensar em assassinato pelo menos uma vez.

O noivo era Forrest Payne, o dono do Clube de Cavalheiros Pink Slipper, o único estabelecimento comercial em operação em Plainview que já havia sido chamado de escandaloso. O clube ficara conhecido por favorecer jogatina, prostituição e por um desrespeito flagrante por todas as leis relacionadas às bebidas alcoólicas. Houve uma época em que reputações eram arruinadas e casamentos destruídos só porque homens, antes respeitáveis, foram vistos andando nas proximidades do Pink Slipper.

A péssima imagem pública do clube afugentava muitos clientes em potencial, mas servia como uma publicidade eficaz para muitos outros. Minha tia Marjorie jurava que o Pink Slipper era o único lugar da cidade para se ouvir blues bem-feito, assim como o único lugar onde encontrar aguardente de milho tão potente quanto a infusão que ela preparava em casa. Ela foi uma frequentadora habitual do Pink Slipper até o dia em que morreu.

E quando digo “até o dia em que morreu”, estou querendo dizer exatamente isso. Tia Marjorie sofreu um ataque de coração fatal enquanto desarmava um homem que tinha puxado uma faca para atacá-la durante uma briga no clube. No enterro dela, Forrest Payne consolou mamãe dizendo que sua irmã tinha morrido com a faca do adversário apertada no punho cerrado e com um sorriso satisfeito no rosto.

As brigas, a prostituição descarada e a jogatina agora eram coisas do passado ou, pelo menos, foi o que me disseram. Nos dias atuais, era mais provável que se falasse do clube como um palco respeitável para boa música do que como uma casa de má fama. Forrest tinha sido reabilitado e seu negócio havia sido purificado junto com ele. A principal razão para sua elevação de pária social a estadista idoso e filantropo estava, naquele momento, deslizando serenamente em sua direção, segurando um buquê de rosas cor de pêssego e crisântemos branco-prateados.

Aquele par amoroso havia apanhado todo mundo de surpresa. No correr dos anos, Srta. Beatrice ficara famosa na cidade como a velha maluca que regularmente se postava

num morrinho na borda do estacionamento do Pink Slipper e com um megafone berrava advertências de eterna danação para clientes que chegavam e saíam. Ela culpava Forrest por facilitar as repetidas infidelidades de seu primeiro marido, o pai de minha amiga Clarice. Tornara-se a missão de sua vida impedir que outros homens seguissem aquele mesmo caminho pecaminoso. A despeito de seus sentimentos mais afetuosos por Forrest Payne, mesmo atualmente ela aparecia no estacionamento de vez em quando, para gritar com os clientes nas noites em que as dançarinas se despiam. Ela deixara a festa de despedida de solteira que Clarice havia lhe oferecido na noite antes do casamento para fazer exatamente isso. Mas, desde que o romance havia lhe aquecido o coração, em vez de gritar “Os fogos do inferno esperam por você, pecador!”, para os clientes que saíam como costumava fazer, Srta. Beatrice agora gritava: “Deus o abençoe, fornicador! Dirija com cuidado!”

Várias vezes durante a cerimônia, olhei por cima do ombro e procurei por mamãe. A ideia de que eu pudesse vê-la não era apenas um pensamento ilusório de minha parte. Além de ter uma boca larga, um corpo redondo e uma tendência a falar realmente demais, também herdei a capacidade de minha mãe de ver os mortos. Mamãe foi a primeira dos que partiram que veio buscar minha companhia. Ela me surpreendeu no meio da noite vários anos depois de sua morte e me visita regularmente. Morta, mamãe pode ser tão difícil quanto era quando viva. Mas é mais fácil de lidar do que uma porção de outros espíritos com que tive de me entender.

Acontecimentos que desafiam uma explicação atraem minha mãe como ímãs, de modo que achei difícil acreditar que ela pudesse não estar presente no casamento de Beatrice Jordan e Forrest Payne. Mesmo assim, o espírito de mamãe não estava visível em nenhum lugar. De modo que prestei bastante atenção e registrei todos os detalhes ao meu redor. Não é fácil surpreender um fantasma, mas eu pretendia dar à mamãe uma descrição das festividades do dia que iriam deixá-la boquiaberta e abestalhada da próxima vez que aparecesse.

Muitíssimo elegante como sempre, minha amiga Barbara Jean Carlson estava sentada do meu lado esquerdo no banco, ajustando o colar de pérolas e alisando pregas inexistentes em sua saia. Nos anos 1960, nossos colegas de escola começaram a chamar Barbara Jean, Clarice e a mim de as “Supremes”, como o grupo de cantoras de rock. As Supremes mais amplamente conhecidas foram separadas pela fama, pela amargura e pela morte. Mas quarenta anos depois de nosso trio ter-se formado, as Supremes de Plainview permaneciam unidas.

Barbara Jean se aconchegou ao marido, Ray. Mas ela e eu estávamos de olho em Clarice, à direita do pastor, esperando que a mãe terminasse sua jornada até o altar. Naquele dia, seria nossa tarefa lembrar Clarice, que ainda estava em choque com a mudança de atitude da mãe com relação a Forrest Payne, de sorrir. Para isto, cada vez que ela olhava para nós, sorriamos largamente e gesticulávamos como se estivéssemos apresentando refrigeradores novos em folha para concorrentes em um programa na televisão.

Pobre Clarice. Toda vez que se esquecia de sorrir, revelava a mesma expressão espantadíssima que surgira em seu rosto

alguns meses antes, quando tinha tomado conhecimento do piedoso romance de sua mãe com o dono do Clube de Cavaleiros Pink Slipper.

Srta. Beatrice contou à filha que o caso amoroso com Forrest havia começado na noite em que ficara ilhada no clube dele por uma súbita tempestade de neve durante um de seus protestos com megafone. Ele tinha insistido para que ela esperasse a tempestade passar em seu escritório, e ficaram conversando durante horas, enquanto tomavam chá. Depois disso, tornaram-se inseparáveis.

O que Clarice me dizia era:

— Mamãe afirma que salvar a alma do Sr. Payne é como escalar um monte Everest espiritual. Ela não consegue resistir ao desafio. — Srta. Beatrice também contou a Clarice que Forrest Payne havia lhe servido chá Earl Gray, em folhas soltas, num serviço de chá de porcelana. Embora sua mãe tivesse ido ao Pink Slipper para fazer sua versão do trabalho de Deus, tinha sido a louça do serviço de chá que a conquistara. Clarice disse:

— Vou lhe dizer uma coisa, Odette, porcelana fina é como ópio para aquela mulher. No momento em que aquela xícara Wedgwood tocou seus lábios, mamãe estava perdida.

Nunca poderemos saber se foram os Evangelhos ou a porcelana que fizeram com que Srta. Beatrice e Forrest Payne ficassem juntos. Mas, enquanto a noiva avançava na direção dele, o Sr. Payne parecia feliz como uma criança na manhã de Natal. E Srta. Beatrice aparentava estar radiante por estar se casando com o homem que passara anos denunciando como um servo de Satã.

O programa impresso em relevo prateado identificava a mais triste das músicas processionais jamais ouvida como “*The Happy Heartache Blues*”. Quando a canção chegou ao fim, o blues man barbado desligou a guitarra do amplificador e afastou-se manquejando do altar com um andar desajeitado que me fez pensar que ele poderia ser ainda mais velho do que eu havia imaginado antes.

A Calvary Baptist não era o tipo de igreja em que as pessoas aplaudiam música. Uma manifestação deste tipo teria sido considerada cafona, na melhor das hipóteses, e pecaminosa, na pior. Mas, quando o cantor terminou, todo mundo do lado do noivo no santuário e muita gente do lado da noiva aplaudiram numa ovação. O blues man não agradeceu o aplauso. Apenas se levantou e foi embora em passo arrastado.

O pastor então deu início a uma homilia ruidosa e dura, cheia de acusações e predições tenebrosas. Aquilo combinava com a reputação da Calvary Baptist de ser a igreja que mais diria a seus congregantes que o comparecimento semanal era a única coisa que os impedia de seguir diretamente para o inferno. Era um sermão bem ao estilo do agrado de Srta. Beatrice. A cada menção de danação, ela se virava para os convidados e balançava a cabeça em concordância de modo que não tivéssemos a impressão de que ela iria permitir que a felicidade do momento fosse um impedimento no caminho de seus esforços para salvar nossas almas pecadoras.

A despeito da música triste e do sermão carregado no enxofre, o casamento foi adorável. Clarice e sua mãe o tinham planejado com perfeição. Srta. Beatrice vestia um *tailleur* re-

quintadamente bordado cor de marfim, com uma saia longa na altura dos tornozelos. O noivo usava um terno preto magnificamente bem cortado, o que foi um choque para todos os convidados presentes; poucos em Plainview podiam se lembrar de ter visto Forrest Payne vestindo algo que não fosse seu habitual smoking amarelo-canário. De acordo com Clarice, tinha havido um acordo entre sua mãe e seu futuro padrastrô, dando ao Sr. Payne o direito de escolher a marcha nupcial e a Srta. Beatrice o direito de banir o smoking amarelo por uma tarde.

A igreja Calvary Baptist é o templo mais bonito de Plainview. Pode não ser o que a maioria das pessoas chamaria de um local acolhedor ou simpático, mas o altar é feito de carvalho com delicado trabalho de entalhe, tendo, como peça central, uma magnífica cadeira de pastor que ficaria perfeita em um castelo medieval. As imensas janelas de vitrais pintam todas as superfícies no santuário com cores e fazem com que você se sinta como se estivesse no centro de um arco-íris. Na Calvary Baptist, não se pode deixar de contemplar o Divino.

Atrás do batistério, fica um mural da Crucificação que faz com que os gritos furiosos do pastor na frente dele se apaguem em sua mente. A representação do Jesus de peito nu e musculoso no quadro é tão sexy que é difícil tirar os olhos dela. Os serviços de domingo na Calvary tendem a se estender eternamente. Mas, na segunda hora, a maioria das senhoras da congregação e um bom número dos homens começam a tirar uma folga mental da intimidação semanal e a olhar fixamente para o robusto Senhor e Salvador na parede. Os encantos do Redentor são tão poderosos que a maioria dos congregantes

não consegue se lembrar do tópico do sermão quando chega a hora da bênção.

Neste cenário, duas pessoas improváveis proclamaram seu amor eterno uma pela outra diante de uma plateia assombrada.

Com alguns lembretes de Barbara Jean e de mim, Clarice conseguiu manter o sorriso, até quando tocou piano durante a bênção das alianças. Clarice é uma musicista extraordinária. Ela já tinha começado a ganhar prêmios e elogios por seu talento de pianista quando nos conhecemos aos cinco anos. Mas, depois de uma retomada da carreira na meia-idade, ela não era mais o segredo de Plainview, Indiana. Estava fazendo gravações e viajando pelo país, apresentando-se para plateias maiores a cada ano.

O marido bonitão de Clarice, Richmond Baker, era o padrinho de Forrest Payne. Como sempre, Richmond irradiava charme e boa vontade. Mas era difícil saber se ele estava sinceramente feliz com o fato de desempenhar um papel na cerimônia ou se estava aparentando isso pelo bem de sua esposa.

No quinto ano de uma separação, Clarice e Richmond finalmente tinham entrado num período de águas calmas. Para Clarice, pelo menos. A vida como uma mulher semissolteira se adequava mais a ela do que o casamento. Estava feliz morando em sua própria casa e só recebendo Richmond quando queria. Ao longo de quase todos os anos que viveram juntos, Richmond tinha sido um competente adúltero, exatamente como o pai de Clarice havia sido. Contudo, Richmond ainda estava tentando compreender por que Clarice decidira que não suportava mais morar com ele.

Décadas de vê-lo partir o coração de Clarice tinham me feito alternar fantasias de pegar um martelo e arrebentar-lhe a cabeça ou empunhar um cutelo e cortar-lhe os órgãos genitais. Mas até eu tinha de admirar o esforço dedicado que ele havia feito para demonstrar para Clarice quanto havia mudado desde que ela o deixara.

Foi especialmente difícil para Richmond mostrar que ele havia abandonado seus antigos hábitos no dia do casamento de Srta. Beatrice. O lado do noivo do santuário estava repleto de mulheres que conheciam Richmond de um tempo anterior a ele alcançar a Iluminação. Depois de cinco anos de existência não promíscua, aquelas mulheres ainda se lembravam dele muito carinhosamente. Da frente até a parte do fundo da igreja, dançarinas peso-pesado do Clube de Cavalheiros Pink Slipper e outras mulheres extravagantemente embonecadas acenavam com as pontas dos dedos para Richmond e faziam gestos imitando um telefone na orelha, dizendo em voz baixa “Me liga”. Embora ele desse o melhor de si para ignorá-las, eu tinha certeza de que o ego já inflado de Richmond estava se expandindo a cada segundo em que ele se mantinha ao lado do Sr. Payne no altar.

Depois que Clarice acabou de tocar — o programa do casamento dizia que a peça para piano era “*Clair de Lune*”, de Debussy —, ela voltou a assumir seu lugar ao lado da mãe. Srta. Beatrice deu um beijo no rosto da filha, e o pastor deu aos convidados reunidos mais uma advertência para se arrependem de seus maus caminhos antes de prosseguir para os votos.

Se Richmond não deu atenção ao comportamento e à aparência das pessoas no recinto do lado do noivo, os frequentadores habituais da Calvary Baptist que enchiam o lado da noiva com certeza deram. A família e amigos de Srta. Beatrice reagiram aos decotes exagerados, joias espalhafatosas, *piercings* e estridência generalizada da turma do Pink Slipper com uma combinação de olhares boquiabertos e exclamações altas de desaprovação. Os netos de Srta. Beatrice pareciam ser os únicos membros da família que estavam realmente se divertindo. A filha e os três filhos de Clarice, que tinham todos vindo de suas casas fora da cidade para presenciar o surpreendente enlace da avó, mal podiam conter seu divertimento. Os filhos de Clarice tinham todos mais de trinta anos, mas a ocasião os induziu a se desmancharem em risadinhas e sussurros nos ouvidos uns dos outros como se fossem crianças em idade escolar. Eles só pararam quando Clarice lhes lançou um olhar furibundo do altar.

Depois que Beatrice e Forrester foram declarados marido e mulher, os convidados saíram para a luz brilhante do sol. Se tivesse sido mais ou menos uma semana depois, o tempo estaria quente e úmido, mas, naquele dia, o céu estava sem uma nuvem e havia uma brisa forte o suficiente para fazer com que os homens se sentissem confortáveis em seus paletós e gravatas. O ar cheirava ligeiramente a grama recém-cortada e a carvão em brasa em quintais próximos.

Mamãe teria adorado tudo naquele dia. Ela teria testemunhado um infame fornecedor de indecência e uma mulher que havia se dedicado a acabar com aquilo, ou pelo menos a *denun-*

ciar o pecado, jurarem amor um pelo outro. Ela teria visto os respeitáveis membros da Igreja Calvary Baptist aparentarem que suas cabeças estavam a ponto de explodir enquanto faziam o papel de anfitriões para um bando de gente que prefeririam queimar no poste. E mamãe teria experimentado momentos irritantemente alegres, acompanhando com sua desafinada voz sussurrante o “*The Happy Heartache Blues*”.

Enquanto os convidados atiravam arroz no casal, a daminha de honra, a neta de sete anos de Clarice, excitada e feliz em seu vestido de tafetá lilás, corria em círculos ao redor do pajem, seu primo que levava as alianças, saltando no ar e tentando tocar naquele glorioso céu azul. Mamãe, alguém que nunca se continha na presença de uma exuberância incontida, provavelmente teria se juntado a eles, saltando alegremente com a dama de honra, depois garatujando uma entrada em seu livro.

Semanas depois do casamento, eu me recordaria daqueles momentos, me perguntando se as coisas poderiam ter sido diferentes se mamãe tivesse visto ou ouvido o velho blues man naquela tarde. Apenas algumas palavras dela poderiam ter mudado o resultado final, ou pelo menos dado a James e a mim uma chance de nos prepararmos. Mas é assim que funciona esta jornada. Não podemos nos preparar para a calamidade que se encaminha em nossa direção, porque ela nunca parece perigosa até estar bem em cima de nós. Sempre estamos ocupados demais cantando nossas doces canções de amor e saltando para a alegria para nos darmos conta de que nossos dentes estão prestes a serem arrancados por um chute.